



Mercado de Lácteos em 2014 e Perspectivas para 2015

O mercado mundial de leite, em 2014, enfrentou algumas questões que influenciaram significativamente os preços dos lácteos. Os destaques foram a diminuição das compras chinesas no fim do ano, devido aos altos estoques desse país, e a proibição da Rússia da entrada de produtos lácteos de países da União Europeia (UE), Estados Unidos e Austrália. China e Rússia são os maiores importadores de lácteos do mundo.

Os dois fatores, somados ao aumento da produção em tradicionais países produtores de leite como Estados Unidos, países europeus e Austrália, levaram a um excedente de produtos no mercado internacional e a um elevado volume disponível para exportação, e também a consequente redução de preços em grande parte desse ano. Além disso, a oferta internacional tem se mostrado maior que a demanda.

Vale ressaltar que o mercado da China foi afetado indiretamente pelo embargo russo, pois a Rússia importava grande volume em de leite em pó de alguns países da UE. Com o fechamento do mercado, esses países se voltaram para o mercado chinês, onde o consumidor tem dado preferência ao leite importado, em função de denúncias de contaminações no leite ocorridas em 2008 no país. A colocação de lácteos no mercado chinês levou à criação de estoques elevados, fazendo com que a China retraísse suas compras.

No Brasil, o ano de 2014 foi de mercado firme com crescimento da produção. No entanto, houve desaceleração do consumo por conta de questões de ordem econômica do país, como menor crescimento do PIB e desvalorização do dólar frente ao real.

Do lado das exportações, o cenário de 2014 foi favorável aos lácteos do Brasil. Segundo os dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC)¹, em 2014 o Brasil aumentou seu faturamento com as exportações de lácteos em 254,3% e o volume em 118,0%, na comparação com 2013 (Tabela 1). As expectativas de vendas brasileiras para Rússia, após o embargo, se concretizaram. Até 2014, estas não ocorriam, mas nesse último ano, apesar do volume ser pequeno (volume de 838.400 kg e valor de U\$3.070.982), foi o primeiro passo para ganhar esse mercado².

Tabela 1 - Exportações de lácteos, Brasil, 2008 a 2014

| Ano | Valor (US\$ FOB) | Peso líquido (kg) |
|------|---------------------|----------------------|
| 2008 | 509.267.793 | 142.347.254 |
| 2009 | 147.793.615 | 64.419.082 |
| 2010 | 131.645.920 | 53.569.283 |
| 2011 | 97.309.124 | 37.551.518 |
| 2012 | 92.257.425 | 38.370.224 |
| 2013 | 93.832.529 | 38.383.693 |
| 2014 | 332.430.800 | 83.667.142 |

Fonte: MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. Secretaria de Comércio Exterior - MDIC/SE-CEX. Sistema de análise das informações de comércio exterior (ALICE). Disponível em: <<https://alice-web.mdci.gov.br>>. Acesso em: 28 jan. 2015.

No Estado de São Paulo, em 2014, o clima seco afetou diferentemente a produção em várias de suas regiões. No geral, houve dificuldade para se produzir leite em função das más condições dos pastos causadas pelas temperaturas altas e falta de chuvas. Isso levou à necessidade de suplementação alimentar do gado. Alguns produtores tinham silagem e isso atenuou os custos para produzir leite.

Houve regiões em que os produtores investiram na produção, em função dos bons preços de 2013. Isso pode ter refletido em aumento de oferta de leite. No entanto, essa não foi a regra. Como o mercado não foi favorável em 2014, os produtores, a princípio, não pensam em investir nesse ano.

Devido ao crescimento econômico interno inferior ao esperado, houve impacto na renda dos brasileiros e o consumo de lácteos e derivados teve queda. Neste cenário, o resultado foi o aumento de estoques.

Esses fatores levaram os preços recebidos pelos produtores, conforme levantamento do Instituto de Economia Agrícola (IEA), a estarem mais altos que 2013 até o mês de agosto, quando o impacto do clima na produção começou a ser mais fortemente sentido, mesmo em pleno período de entressafra, e inicia um comportamento de estabilidade e queda, terminando o ano com preço abaixo aos do ano anterior (Figura 1)³.

Os preços médios da ração para bovinos em lactação, segundo o IEA, estiveram com cotações altas praticamente o ano todo, com preços, a partir de julho, próximos aos praticados em 2012 (Figura 2)⁴. Mesmo com essa alta, o fato não teve grande impacto na produção, pois parte dos produtores tinha silagem suficiente para alimentar o gado.

O mercado de milho, na safra 2014/15, também favoreceu esse setor, pois esteve positivo para as compras dos produtores de leite, pois seus preços estiveram baixos, frente ao alto estoque do produto⁵.

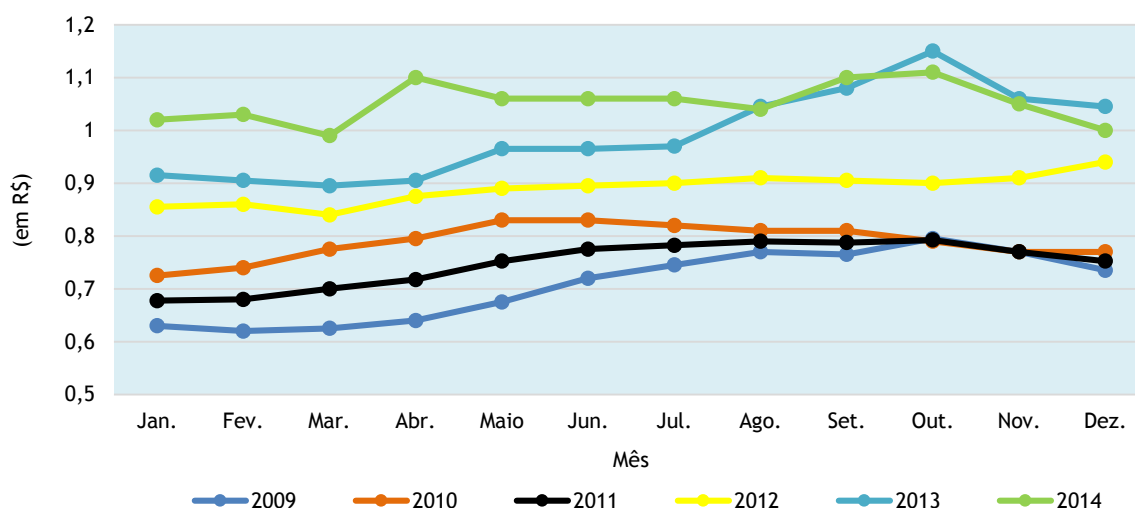


Figura 1 - Preços Médios Pagos aos Produtores, Estado de São Paulo, 2009 a 2014.

Fonte: INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA - IEA. Banco de dados. São Paulo: IEA. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/bancodedados.html>>. Acesso em: 30 jan. 2015.

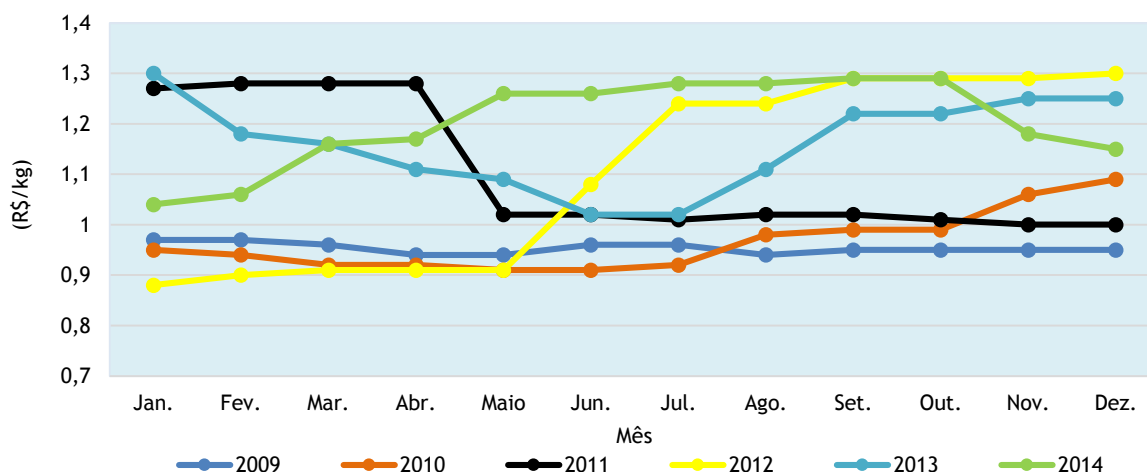


Figura 2 - Preços Médios da Ração para Bovinos-Lactação, Estado de São Paulo, 2009 a 2014.

Fonte: INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA - IEA. Banco de dados. São Paulo: IEA. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/bancodedados.html>>. Acesso em: 30 jan. 2015.

Na verdade, houve comprometimento dos custos não só com os insumos, mas também com a mão de obra, que tem sido escassa e é um dos grandes problemas apontados pelos produtores paulistas da pecuária leiteira nos últimos tempos.

Contribuiu para essa situação a conjuntura internacional desfavorável que levou à sobra de leite no mercado mundial e redução de preços. No entanto, a expansão das vendas no mercado externo colaborou para amenizar um pouco os impactos do aumento da produção brasileira e da estagnação do consumo no mercado interno.

No varejo, os preços médios mensais do leite longa vida, levantados pelo IEA⁶, mostram que, a partir de junho, o consumidor pagou menos pelo produto do que em 2013, já em plena entrada da entressafra, contrariando as expectativas.

Isso é consequência de maior oferta do produto e queda do consumo do brasileiro, em função do comprometimento da renda do trabalhador que teve redução devido às dificuldades econômicas do Brasil e também do poder de negociação dos supermercados (Figura 3).

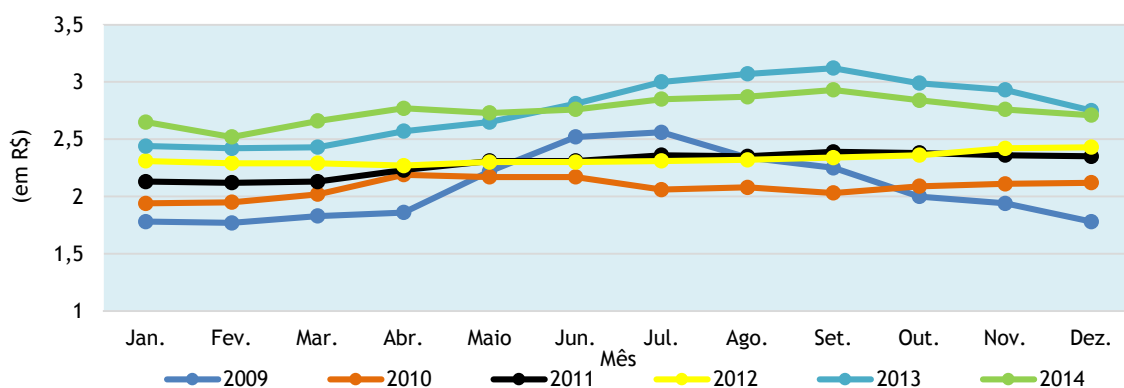


Figura 3 - Preços Médios do Varejo de Leite Longa Vida, Estado de São Paulo, 2009 a 2014.

Fonte: INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA - IEA. Banco de dados. São Paulo: IEA. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/bancodedados.html>>. Acesso em: 30 jan. 2015.

Segundo o IEA, a produção de leite no Estado de São Paulo, em 2012 e 2013, teve queda. Em 2014, se recuperou, mesmo com a seca, em algumas regiões (Figura 4)⁷. O resultado foi o aumento de estoques que, em dezembro, cresceu ainda mais devido ao período de festas. O crescimento pode ter ocorrido em função da disponibilidade de alimentos como o milho e silagem (em algumas regiões)

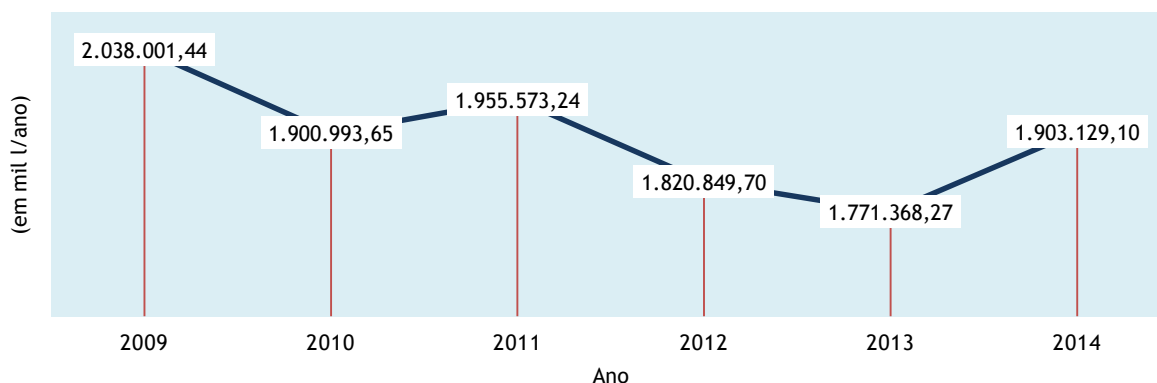


Figura 4 - Produção de Leite, Estado de São Paulo, 2009 a 2014.

Fonte: INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA - IEA. Banco de dados. São Paulo: IEA. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/bancodedados.html>>. Acesso em: 30 jan. 2015.

Além disso, as chuvas do fim do ano aumentaram um pouco mais a produção, pois as pastagens tiveram recuperação. Com isso, os preços do leite no mercado terminaram em baixa, causando desestímulo no setor produtivo para investimentos em 2015. Parte dos estoques foi desovado em janeiro e em fevereiro, e a tendência é o mercado se normalizar.

O rebanho paulista, igualmente à produção, também apresentou crescimento, como consequência dos investimentos feitos (Figura 5)⁸.

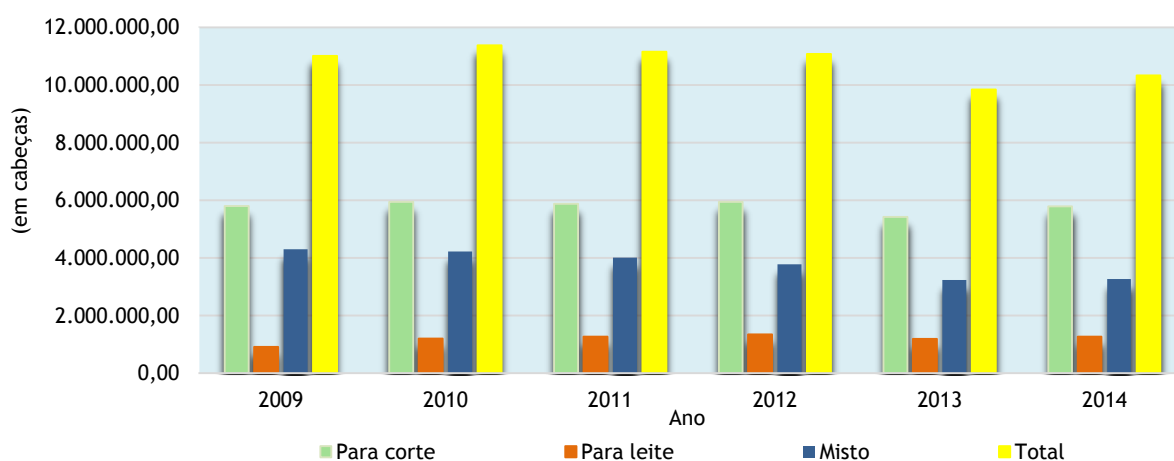


Figura 5 - Evolução do Rebanho de Gado, Estado de São Paulo, 2009 a 2014.

Fonte: INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA - IEA. Banco de dados. São Paulo: IEA. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/bancodedados.html>>. Acesso em: 30 jan. 2015.

Todos esses fatores vêm contribuir e confirmar a perda de competitividade do Estado de São Paulo na produção de leite. Isso ocorre há 16 anos em um processo que não tem conseguido ser revertido pela cadeia produtiva paulista. No entanto, vários temas como *marketing*, capacitação, mercado, organização vertical para o sistema agroindustrial, ação diretas no setor produtivo, etc. ainda não tiveram o foco necessário da cadeia de produção como um todo.

Em 2015, as expectativas são de diminuição de oferta, tanto no Brasil quanto nos principais países produtores e exportadores, pois com preços baixos e estoques elevados, o setor produtivo deve refrear os investimentos. A tendência é que a inflação e o dólar continuem subindo e isso afetará o mercado.

A valorização do dólar será o principal fator a estimular as vendas externas. No entanto, a previsão de seca na Nova Zelândia e Austrália poderá contribuir para uma elevação dos preços internacionais, o que traz a possibilidade do Brasil de aumentar suas exportações, tendo como foco principal o mercado russo. Há ainda a dependência de como

o mercado chinês se comportará. Se ele voltar a comprar, isso com certeza influenciará os preços para os produtores.

Em São Paulo, as chuvas do fim de 2014 e início de 2015 melhoraram os pastos. Entretanto, a depender de sua intensidade, as cotações poderão aumentar, principalmente no período de entressafra, pois a previsão é que as precipitações sejam inferiores a outros anos.

Segundo informantes do setor, alguns produtores já plantaram e estão colhendo a silagem. Outros ainda vão iniciar o plantio. As chuvas que caíram em algumas regiões já recuperaram os pastos e nesses locais espera-se uma entressafra tranquila. Em outros pontos, a chuva não foi suficiente e a produção vai depender da evolução das precipitações.

Em relação aos insumos, conforme último levantamento da CONAB⁹, em São Paulo,

com a regularização do clima, a partir das chuvas ocorridas em dezembro e que se estenderam até o final de janeiro, na maioria das regiões produtoras do estado, verificou-se importantes benefícios para a lavoura de milho. Os dados preliminares apontam para uma possibilidade de aumento na produtividade dessa safra, apresentando um incremento de 4,8%.

O fato poderá abrandar a situação dos produtores com o custo de produção de leite, pois os preços baixos do milho, o principal insumo da alimentação do gado, pesará menos na manutenção da atividade, o que poderá significar um ganho maior para o produtor.

¹MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. Secretaria de Comércio Exterior - MDIC/SECEX. Sistema de análise das informações de comércio exterior (ALICE). Brasília: MDIC/SECEX. Disponível em: <<https://aliceweb.mdc.gov.br>>. Acesso em: 28 jan. 2015.

²Op. cit. nota 1.

³INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA - IEA. Banco de dados. São Paulo: IEA. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/bancodedados.html>>. Acesso em: 30 jan. 2015.

⁴Op. cit. nota 3.

⁵VEGRO. C. L. R. et al. Anomalia climática e seus impactos sobre as culturas temporárias e perenes do Estado de São Paulo. Análises e Indicadores do Agronegócio, São Paulo, v. 9, n. 10, out. 2014. Disponível em: <<ftp://ftp.sp.gov.br/ftpiea/AIA/AIA-50-2014.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2015.

⁶Op. cit. nota 3.

⁷Op. cit. nota 3.

⁸Op. cit. nota 3.

⁹COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO - CONAB. Acompanhamento da safra brasileira de grãos. Brasília: CONAB, fev. 2015. v. 2, n. 5. (Quinto Levantamento Safra 2014/2015). Disponível em: <http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/15_02_13_10_34_06_boletim_graos_fevereiro_2015.pdf>. Acesso em: fev. 2015.

Palavras-chave: leite, mercado, seca.

Rosana de Oliveira Pithan e Silva
Pesquisadora do IEA
rpithan@iea.sp.gov.br

Liberado para publicação em: 27/02/2015